

5

Considerações finais – o ensino de história em perspectiva

“A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente, a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam, ela se alimenta de lembranças vagas, telescópica, cenas, censura ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta e a torna sempre prosaica”.

Tomás Tadeu da Silva

Neste último capítulo busco apresentar minhas reflexões e considerações sobre os questionamentos e objetivos propostos na dissertação. Conforme dito anteriormente, não tenho a pretensão de indicar os caminhos certos ou determinadas verdades no processo de construção dos saberes e conhecimentos no ensino de história.

Pretendo apenas colaborar com outros diversos trabalhos e pesquisas que procuram melhor compreender as nuances da didática na história, possibilitando caminhos e propostas possíveis de serem consolidadas em nosso cotidiano, contribuindo assim para o desenvolvimento da qualidade no ensino escolar.

Ao tentar construir respostas para a questão principal da pesquisa, relativa ao papel pedagógico desempenhado pela PFPA hoje, creio poder apenas enfatizar certos apontamentos tendo presente os dados coletados.

A partir das entrevistas realizadas com os sujeitos educativos da PFPA, principalmente pelas contribuições de Francisco e Ítalo, temos ideia do número das escolas que realizam o roteiro guiado por período letivo nestes últimos anos. Não tive acesso aos números oficiais registrados em recibos das instituições visitantes. Acredito que o dono da fazenda possa ter ficado cauteloso com a divulgação destes dados, já que envolvem nomes, marcas e questões comerciais.

De qualquer modo Francisco forneceu informações sobre os quantitativos dos colégios visitantes que nos são bastante indicativos. Afirma o Barão de Mambucaba que:

- “Trabalhamos com uma média de 120 escolas por ano. Apesar de não saber de cabeça agora os dados exatos, acredito que recebemos 107 escolas em 2011 e 116 escolas em 2012. Sendo que deste total, de 80% a 90% são da

cidade do Rio de Janeiro. Destas cerca de 20% pernoitam. Principalmente as turmas que estudam nos segmentos do Ensino Fundamental”.

Apesar de preferir não efetivar uma resposta definitiva, acredito que os números citados são consideráveis. Sabe-se que entre as instituições visitantes a maior parte é representada por colégios particulares. Mas, destaco que os trabalhos e projetos sociais com escolas públicas da região realizados pela PFPA vêm crescendo de forma considerável e constante nestes últimos anos.

Penso que não posso afirmar que a fazenda é hoje uma referência pedagógica para a maioria das escolas da cidade do Rio de Janeiro, até por que grande número de instituições talvez nem saibam que o projeto educativo da fazenda exista. No entanto, esta média anual de 120 colégios visitantes pode ser considerada significativa.

Como consideração a ser enfatizada, observa-se que a PFPA possui inegavelmente o mérito de ampliar as fontes de pesquisa e a realização de atividades e experiências educativas que colaboram concretamente com o ensino da disciplina de história desenvolvido nas escolas.

Sobre os ganhos acadêmicos e conceituais possibilitados pela visita guiada da PFPA, afirma a assídua frequentadora da fazenda, a coordenadora Flora que:

- “O cidadão precisa aprender a valorizar sua história e a querer preservar sua cultura (plural), precisa aprender a respeitar o outro e sua cultura e para isso, tem que conhecer. Sem conhecer, não tem como valorizar. O crescimento cultural também ocorre na visita: o aluno vê o que aprende nos livros, vê réplicas de Debret, mas também vê e tem acesso a artefatos, a prédios históricos, a depoimentos, a história e cultura vivas, preservada no jongo. Amplia o olhar e faz com que veja sua história de outra forma!”.

É importante lembrar também que o trabalho realizado no local não tem importância somente pelas vivências e dinâmicas realizadas. Sem perder de vista a centralidade das informações que compõem a própria escrita contemporânea da história local, lembro que os conteúdos passados no roteiro histórico foram alvo de intensas pesquisas e coletas de novos dados que pudessem permitir a construção do *quebra cabeça* da PFPA.

Este ponto é destacado devido a sua centralidade no momento em que a equipe educativa do espaço trabalha na montagem deste *quebra cabeça* com os

alunos, ao fornecer as *peças* para que os próprios estudantes, coletivamente, possam *montar* a imagem integrada.

Foi ressaltada pelos entrevistados a importância da pesquisa realizada devido à centralidade da preocupação de passar as informações relevantes. Destes dados e através da visita e da experiência cultural sobre a época é possível melhor realizar articulações com a atualidade.

Destaco a importância da utilização de diferentes tipos de linguagens específicas para cada grupo. Esta questão tem papel importante para que cada grupo receba o conhecimento histórico de forma clara e apropriada, facilitando a construção do conhecimento sobre o local.

Apesar de um professor apontar que deveria haver ainda mais direcionamento e objetivação do roteiro educativo em relação às diferentes turmas e faixas etárias.

Relembro que, segundo a equipe educativa local, a visita é muito importante para os professores das turmas, oferecendo uma boa base de pesquisa para o desenvolvimento dos trabalhos posteriores realizados na escola. Foi possível constatar, portanto, que a PFPA fornece variadas ferramentas didáticas e uma base de fontes alternativas para as formulações pedagógicas realizadas na sala de aula.

Através da fala de Ítalo podemos compreender melhor este papel simbólico e material presente nas práticas educativas da PFPA, representado pelo alargamento das possibilidades pedagógicas.

Atualmente um dos mais importantes responsáveis pela PFPA, o sujeito educativo e administrador da fazenda Ítalo, ao analisar os mais significativos diferenciais pedagógicos dos roteiros históricos e suas potencialidades educativas, afirma que:

- “Destaco a importância da *vivência* com os objetos históricos da fazenda e acredito que a visita facilita principalmente o estudo de temas relacionados com a escravidão. Também é importante a questão da arquitetura original como marcante para a fazenda, pois foi ela que tornou possível o reconhecimento e a importância do local como uma referência para as análises relacionadas ao seu passado. Acredito que para os estudos da disciplina de história dos alunos, a visita guiada permite principalmente maior facilidade na *fixação* dos conteúdos. As visitas são importantes para os currículos das escolas, pois colaboram para que os estudantes possam *vivenciar o saber*”. (grifos meus)

Percebe-se a importância didática destas práticas propostas pelo fato de que, alunos e professores podem identificar diferentes fontes e modos de produção do conhecimento histórico. Para SCHMIDT (2007)

- “A partir do seu presente e de suas experiências, alunos e professores podem se apropriar da História como uma ferramenta com a qual romperiam, destruiriam e decifriam a linearidade histórica, fazendo com que ela perca o seu poder como única fonte de orientação para a compreensão do presente. Para os professores, essa perspectiva permitiu uma alteração de natureza qualitativa em relação ao conhecimento: a vivenciar elementos do método de pesquisa específico da História, como parte de seu processo de formação continuada, eles aprenderam a encontrar conteúdos nas diferentes fontes históricas e também a trabalhar com esses conteúdos na sala de aula. Trata-se, aqui, da possibilidade de aproximar o professor das formas como são produzidos os saberes, permitindo que se aproprie e/ou construa formas pelas quais esses saberes possam ser aprendidos. E, nessa direção, torna-se possível compreender que a maneira pela qual se produz o conhecimento histórico hoje não é a mesma dos historiadores do séc. XIX e que, portanto, a forma de ensinar a História não será a mesma também”. (Pág.196)

Acredito que as atividades pedagógicas da PFPA promovam esta relação entre o local e o nacional de modo dinâmico e lúdico, até porque um dos pontos centrais do roteiro é a inserção da História da PFPA dentro das diversas conjunturas nacionais ao longo destes últimos três séculos.

Enfatizo, portanto, que as práticas educativas da fazenda, assim como o estudo acadêmico da disciplina colaboram para o processo de desenvolvimento de possibilidades didáticas alternativas propostas no ensino de história e para a consolidação da cidadania.

Da mesma maneira que permitem ao indivíduo a oportunidade de experimentar e conhecer locais diferenciados de sua própria vivência cotidiana, alargando suas percepções, críticas, crenças e valores individuais e coletivos. MARTINS (2007) assim se refere ao papel da disciplina história:

- “A nossa disciplina é um lugar privilegiado para a construção da cidadania. E aí, mais uma vez quero lembrar Jacques Le Goff dizendo: “A memória é o local onde cresce a História”, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens”. (Pág. 20)

Como apontado no segundo capítulo, creio que as reflexões sobre correntes historiográficas atuais, que privilegiam a valorização das narrativas, da

história oral, da micro-história e das biografias, vem consolidando-se no universo escolar, mas ainda muito timidamente.

Através dos autores analisados foi possível identificar, também, diversas e importantes ferramentas pedagógicas, que hoje vem se afirmando através de trabalhos que permitem o uso de celulares e gravadores, maior utilização de filmes, computadores, internet, as novas mídias eletrônicas digitais, das artes, de jornais-revistas-quadrinhos, de músicas entre outros meios possíveis.

Destaco, igualmente, as análises dos autores referentes à centralidade da Nova História Cultural em relação às pesquisas e propostas educativas apontadas no trabalho. Peter Burke (2005) esclarece seu ponto de vista em suas reflexões e conclusões sobre a NHC ao afirmar que a história cultural é:

- “Simplesmente uma parte necessária do empreendimento histórico coletivo. Como suas vizinhas – história econômica, política, intelectual, social e assim por diante -, essa abordagem ao passado dá uma contribuição indispensável á nossa visão da história como um todo, “história total”, como dizem os franceses”. (Pág. 163)

Através das análises relativas à NHC e suas definições centrais desenvolvidas principalmente por Burke e Hunt, somado aos objetivos propostos na pesquisa, na medida em que buscamos definir as principais contribuições deste movimento para o ensino de história hoje, compartilho palavras de HUNT (2001):

- “No momento, como mostra este livro, a ênfase na história cultural incide sobre o exame minucioso – de textos, imagens e ações – e sobre a abertura de espírito diante daquilo que será revelado por esses exames, muito mais do que sobre a elaboração de novas narrativas mestras ou de teorias sociais que substituam o reducionismo materialista do marxismo e da Escola dos Annales. A ênfase sobre a representação na literatura, na história da arte, na antropologia e na sociologia tem levado um número cada vez maior de nossos equivalentes a se preocupar com as redes históricas nas quais seus objetos de estudo são apanhados”. (Pág.29)

Notamos claramente hoje nos programas de reconhecidas escolas fluminenses, a importância da realização de atividades de campo, dinâmicas, oficinas pedagógicas e visitas a diversos locais onde os estudantes podem experimentar teorias e práticas de conteúdos disciplinares de forma alegre, divertida e interessante.

Nas aulas em locais como restingas, florestas, laboratórios, fábricas, fazendas, igrejas, sambaquis, quilombos, cidades históricas, museus e variados locais não formais de educação os alunos tem a oportunidade de alargar e diversificar suas referencias educativas.

Observamos inclusive que, dois dos professores entrevistados – o historiador Ricardo e o geógrafo Davi - têm como profissão principal a função de guias de turismo pedagógicos. Trabalham em empresas especializadas em desenvolver projetos e atividades de campo interdisciplinares com escolas particulares de nossa cidade. O biólogo Fred também atua nesta área, mas realiza as saídas de forma mais esporádica.

Percebe-se que no universo escolar atual grande parte das escolas que investem nos espaços não formais realizam normalmente com suas turmas duas atividades de campo por ano; uma no primeiro semestre mais simples com roteiros práticos, acessíveis, feitas em locais próximos e que são de meio período ou de todo o dia.

A segunda saída normalmente ocorre no segundo semestre e, em geral, é mais complexa e longa, frequentemente incluindo o pernoite dos alunos na experiência que encerra o ano letivo escolar.

Os alunos participantes destas atividades são levados a perceber concretamente as realidades de trabalhos e ações produtivas nos variados campos de atuação humana.

Possibilitam maior reconhecimento dos jovens de profissões antes ignoradas nas áreas técnicas e manuais, das especificidades nas produções artísticas, nas construções musicais, da culinária como profissão, na produção de roupas e vestimentas como investimento, entre outras práticas e atividades sociais e artesanais das sociedades passadas e presentes.

Observa-se que as viagens e roteiros pedagógicos realizados em locais não conhecidos pelos alunos são determinantes para o desenvolvimento de interesses e questionamentos mais concretos. Até por que estando em movimento por *paisagens, patrimônios e ambientes* por eles não conhecidos e naturalizados, percebem que não são os *donos da situação* e das demandas observadas, que ainda tem muito a apreender.

Acredito que as experiências e os *passeios* por locais, espaços e realidades não vivenciadas elevem a participação e a interação dos estudantes nas temáticas

pedagógicas curriculares propostas pelas escolas, principalmente nos dois segmentos do Ensino Fundamental.

Conforme demonstram os educadores GONDRA & SCHUELER (2002)³⁹, pesquisadores da UERJ na área da educação:

- “A viagem, como técnica de investigação e conhecimento, como prática de observar e experimentar, comparar e produzir conhecimento sobre o outro, aquilo que se observa, tem constituído uma experiência significativa na trajetória de vários homens e mulheres, em tempos e espaços diversos, inclusive na de educadores envolvidos com os sistemas de instrução, as escolas e os problemas da Educação”. (Pág. 439)

Espero ter demonstrado a importância pedagógica das experiências realizadas em campo e suas possíveis contribuições ao processo de construção de conhecimentos nas instituições formais.

Devemos buscar configurar métodos e práticas educativas mais abrangentes e integradoras para nossos alunos, consolidando-os no cotidiano escolar. Concordo com TRILLA & GHANEM (2008) ao afirmarem que na educação não formal:

- “Os chamados conteúdos tendem, ao contrário do sistema formal, a ser selecionados e adaptados considerando-se necessidades autóctones e imediatas das áreas de atuação. Seriam, assim, mais contextualizados, funcionais, de caráter menos abstrato e intelectualista.

O seu desafio, no entanto, seria comum ao de toda pedagogia: harmonizar o conhecimento artesanal (dinâmico, prático e contextualizado) com o conhecimento acadêmico (abstrato e aspirante a maior rigor científico), ou seja, o super hiato entre teoria e prática”. (Págs. 72-73)

A partir das reflexões anteriores, podemos perceber que a Pedagogia e a Didática deste início do séc. XXI foram largamente transformadas a partir de diversas contribuições, principalmente historiográficas. Busquei constatar como são importantes as dinâmicas e as experiências no processo de ensino e aprendizado da disciplina de história para alunos do Ensino Fundamental.

Quando aproximamos as visões dos sujeitos educativos locais e a dos professores das escolas na busca de considerações finais, fica claro que o maior foco é o aluno.

³⁹ In: Educação e Pesquisa. São Paulo – FEUSP - Revista da faculdade de educação da USP. Vol. 34, n 3, 180 pág. Set/dez. 2008.

Os educadores do século XXI devem procurar valorizar a cultura dos estudantes, os conhecimentos e as ideias dos próprios alunos, facilitando e alargando as linguagens e os canais de comunicação com crianças, adolescentes e jovens.

Aproximar o saber do ambiente e universo dos alunos, não realizar um discurso distante dos referenciais sociais e culturais de nossos jovens. É muito importante valorizarmos o cotidiano escolar, desenvolvendo a *reflexão na prática e sobre a prática* e assim, valorizamos o trabalho docente com a construção histórica cotidiana e que abrange discentes e docentes na sala de aula.

Durante a elaboração da pesquisa, algumas propostas não puderam ser desenvolvidas e irei apresentá-las brevemente, até para podermos alargar as percepções e outras possibilidades investigativas não concretizadas no trabalho.

Tinha pensado em realizar uma comparação entre métodos didáticos do séc. XIX e as práticas educativas na atualidade. Assim como análises comparativas na educação presente na fazenda, ontem e hoje.

Entretanto tal perspectiva não se consolidou devido ao espaço da dissertação, de que necessitaria desenvolver outro roteiro de entrevista e que seria imprescindível um estudo mais profundo sobre a educação nacional no século XIX. Teria também de construir outros direcionamentos no trabalho, o que nos afastaria por demais dos objetivos iniciais propostos.

Gostaria também de ter investigado de forma mais profunda como as visitas nos espaços não formais, mesmo que não sendo obrigatórias, estão presentes nos programas e currículos das escolas consideradas de “elite”. Seriam necessárias análises ligadas mais diretamente aos debates de questões do currículo e de políticas educacionais públicas em todas as suas especificidades. Neste caso seria necessário novo espaço investigativo.

Nestas considerações finais, aponto também um aspecto que considero de especial relevância: a repetida afirmação, tanto dos educadores das escolas como dos sujeitos educativos da fazenda, de que a PFPA pode ser considerada um verdadeiro *museu aberto*.

Uma observação crítica que gostaria de expressar de modo breve: acredito que poderia haver uma maior discussão sobre nossas mazelas sociais históricas e contemporâneas por parte dos educadores locais. Acho que determinadas problemáticas presentes em nossa sociedade hoje, poderiam ser mais

enfaticamente trabalhadas em suas relações com nosso passado recente. Como também a necessidade da consolidação dos direcionamentos pessoais dos educadores sobre suas convicções e apontamentos práticos para os alunos e visitantes do local a partir de suas experiências e observações.

Concluo o trabalho com trecho retirado da obra do maior educador da história brasileira. Não poderia encerrar a pesquisa sem a contribuição, mesmo que ilustrativa, das palavras do mestre Paulo Freire.

Ao longo de sua carreira de educador, sempre buscando o desenvolvimento da consciência crítica por parte de todos os cidadãos, fundamentou o pensamento da ação educativo crítica.

FREIRE (1996) defende uma pedagogia fundada na ética, no respeito à dignidade e à própria autonomia do educando:

- “No âmbito dos saberes pedagógicos em crise, ao recolocar questões tão relevantes agora quanto foram na década de 60, estudos das ciências da educação vem apontando nos últimos anos: a ampliação e a diversificação das fontes legítimas de saberes e a necessária coerência entre o saber-fazer e o saber-ser-pedagógicos”. (Pág. 12)